



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

JOSIANE DA SILVA

**FUTEBOL DE MULHERES EM ERECHIM: UM ESTUDO SOBRE
(IN)VISIBILIDADE E OS LIMITES DA PROFISSIONALIZAÇÃO**

ERECHIM

2017

JOSIANE DA SILVA

**FUTEBOL DE MULHERES EM ERECHIM: UM ESTUDO SOBRE
(IN)VISIBILIDADE E OS LIMITES DA PROFISSIONALIZAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau de
licenciatura em Ciências Sociais da Universidade
Federal da Fronteira Sul

Orientador: Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga

Erechim

2017

JOSIANE DA SILVA

**FUTEBOL DE MULHERES EM ERECHIM: UM ESTUDO SOBRE (IN)
VISIBILIDADE E OS LIMITES DA PROFISSIONALIZAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientador: Prof. Dr. Gérson Wasen Fraga

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cássio Brancaleone

Prof. Dr. Thiago Ingrassia

JOSIANE DA SILVA

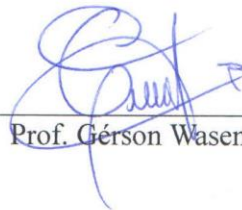
Título: Futebol de mulheres em Erechim: um estudo sobre sua (in)visibilidade e os limites à profissionalização.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientador: Prof. Gérson Wasen Fraga

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

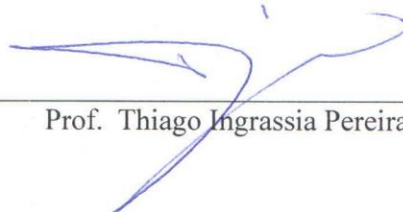
Banca examinadora:



Prof. Gérson Wasen Fraga



Prof. Cássio Cunha Soares



Prof. Thiago Ingrassia Pereira

AGRADECIMENTO

Primeiramente gostaria de agradecer o apoio de todos meus familiares. Agradecimento especial para amigas/os e pessoas queridas que estiveram ao meu lado incentivando e torcendo por mim durante toda a trajetória acadêmica.

Sou imensamente grata por todas as pessoas que se disponibilizaram a participar das entrevistas e relatar suas experiências no envolvimento com o futebol de mulheres. A cada atleta e comissão técnica do Atlântico Futebol Clube fica meu sincero agradecimento.

Com muito carinho agradeço a Cláudia Samuel Kessler que prontamente contribuiu com dicas e indicação de leituras valiosas para o trabalho.

Agradeço a todos/as os/as professores/as que contribuíram na minha formação acadêmica e intelectual sou um pouco de cada um/a de vocês.

Com muito afeto, carinho e admiração agradeço ao meu orientador Gérson Fraga pela paciência, compreensão, orientação e pela confiança durante todos os momentos.

Por fim, divido com todos/as a felicidade de concluir essa etapa.

RESUMO

O futebol de mulheres passou por diversos momentos históricos desde ascensão ao esporte, proibição e retorno aos campos. O período de afastamento de algumas modalidades esportivas foi reforçado pela área médica que usou de explicações biológicas como meio de coibir essa prática. As mulheres, nesse sentido foram proibidas de jogar futebol por motivos alheios às suas vontades. Ao retornar aos campos e competições oficiais, houve a necessidade de enfrentamento de preconceitos pelo fato de ser mulher e estar no meio futebolístico. O impacto negativo trouxe consequências no crescimento e fortalecimento da modalidade. Nos dias atuais apesar das mudanças ocorridas, ainda é perceptível a desigualdade em relação ao futebol praticado por homens e pelas mulheres, sendo, portanto, necessário desconstruir e problematizar essas diferenças. Como meio de entender o processo de (in)visibilidade dessa prática o estudo em questão tem como foco compreender o futebol de mulheres no interior do Rio Grande do Sul na equipe feminina do Atlântico Futebol Clube que participou em diversas competições com time de futebol de mulheres. Como meio de compreender a realidade do clube foram entrevistadas cinco jogadoras e dois responsáveis da comissão técnica envolvidos na organização do time entre os anos 2011-2016. Diante disso, a análise central será perceber quais são os elementos que corroboram para inserção ou não das mulheres no futebol profissional, bem como as possibilidades de reconhecimento e profissionalização.

Palavras-chave: futebol de mulheres, (in)visibilidade, competições, profissionalização.

ABSTRACT

Women's soccer faced many different historical moments since its ascension, prohibition and the return to the fields. The period where women's soccer was off the sports modalities was reinforced by the medical area that used biological explanations to restrain this practice, thus prohibiting many women from playing for reasons against their will. When returning to the fields and official competitions, there was the need of a coping with the prejudice against women inside soccer. The negative impact brought consequences on the growth and empowerment of the sport. Currently, despite the changes, the inequality is still distinguishable in men and women soccer, thus, making a deconstruction and questioning necessary over these differences. As a way to understand the process of (in)visibility of this sport, this study focus on the comprehension of the reality of women's soccer on the state of Rio Grande do Sul on the feminine team of Atlântico Soccer Club that participated on the state, regional and national championships. The qualitative methodology is utilized. Five players and the two members of the technical committee from the club were interviewed between 2011 and 2016. Therefore, the main objective is to understand and perceive which are the elements that corroborate (or not) for the insertion of women in the professional soccer as well as the possibilities of recognition and professionalization of this sport

Keyword: Women's soccer, (in)visibility, competition, professionalization.

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Silva, Josiane da

Futebol de Mulheres em Erechim: um estudo sobre (in) invisibilidade e os limites da profissionalização/
Josiane da Silva. -- 2017.

44 f.

Orientador: Gerson Wasen Fraga.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Ciências Sociais , Erechim, RS , 2017.

1. . I. Fraga, Gerson Wasen, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 SOCIOLOGIA E FUTEBOL	9
2.1 MULHERES EM CAMPO.....	10
2.2 MULHERES E ESPORTES	15
2.3 MULHERES E MÍDIA ESPORTIVA	17
2.4 MULHERES E FUTEBOL EM ERECHIM.....	20
3 NO PAÍS DO FUTEBOL ESSA PAIXÃO TEM GÊNERO?	23
3.1 DO AMADOR À PROFISSIONAL EXPERIÊNCIA DAS ATLETAS	26
3.2 BREVE PERFIL DAS ATLETAS ENTREVISTADAS	27
3.3 RELATO DAS EXPERIÊNCIAS	27
3.4 COMISSÃO TÉCNICA: UM OLHAR SOBRE A ESTRUTURA DO FUTEBOL DE MULHERES	32
3.5 A PROFISSIONALIZAÇÃO É POSSÍVEL OU APENAS UM SONHO?.....	35
4 CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Apesar das inúmeras lutas travadas e do histórico de conquista de direitos políticos adquiridos pelas mulheres, é possível perceber que alguns debates, em âmbito acadêmico, permanecem segregados em pequenos grupos. As questões relacionadas às problematizações de gênero são tratadas em segmentos determinados ou momentos oportunos, como semanas acadêmicas, grupos de estudos ou aulas inaugurais, sendo, portanto, trabalhadas em momentos específicos. Esse caráter de problematização em momentos eventuais pode contribuir para que essa temática seja entendida como subalterna em relação às questões tidas como de maior relevância. Ao mesmo tempo, trabalhar com questões que estão à margem do debate acadêmico é um desafio, visto que é um campo que aborda questões que são latentes na sociedade, e por esse motivo é necessário romper com a visão simplista e elaborar a análise com rigor científico sobre a temática pesquisada. Todavia, dar visibilidade a tais debates é também uma forma de resistência às construções androcêntricas, sexistas e heteronormativas.

Sendo assim, a intenção desse trabalho será abordar teorias que problematizam a invisibilidade das mulheres no futebol, as dificuldades encontradas pelas jogadoras, as implicações de gênero, aspectos culturais, profissionalização, entre outros.

A pesquisa tem como objetivo perceber quais são as implicações de gênero e as problemáticas encontradas pelo fato de ser mulher e praticar um esporte naturalizado culturalmente como masculino. Sendo assim, em um primeiro momento, será feita a contextualização histórica sobre a inserção das mulheres no futebol e os momentos incisivos de sua participação, o que nos permite também pensar a respeito dos momentos de proibição às mulheres de alguns esportes considerados inaptos para o corpo feminino. Este momento nos permitirá abordar autores/as que problematizam os aspectos da construção de gênero, evidenciando suas críticas acerca da compreensão das desigualdades na relação entre homens e mulheres, bem como demonstrar o embasamento teórico e metodológico das ciências sociais e suas contribuições para a compreensão nas relações de gênero.

Em um segundo momento, buscaremos trazer fragmentos da prática do futebol em Erechim¹.

Por fim, em um terceiro momento pretende-se analisar o futebol de mulheres² a partir da experiência de vida das jogadoras e da comissão técnica vinculadas ao clube Atlântico Futebol

¹ O município está localizado a cerca de 360 km da capital do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, sendo 330 km em distância rodoviária. A latitude da cidade é de 27° 38' 3 "sul e a longitude 52° 16' 26" Oeste. <http://www.pmerechim.rs.gov.br/pagina/142/geografia>.

Clube de Erechim³. Contudo, como meio de compreender a inserção do clube no futebol praticado por mulheres foram realizadas entrevistas com atletas e comissão técnica, na intenção de analisar aspectos dos relatos frente à permanência ou superação de preconceitos derivados da condição de ser mulher e atuar no futebol. Através da experiência dos/as entrevistados/as, buscaremos entender como o futebol de mulheres pode relacionar-se com outras questões, tais como questões de gênero, machismo, orientação sexual, sexismo, bem como lançar olhar para as condições e expectativas no envolvimento dessa prática presente no esporte brasileiro, mas sob um forte acento masculino.

² De acordo com Kessler (2015) O termo futebol de mulheres se relaciona a uma um universo complexo e heterogêneo, permeado por trocas entre pessoas de diferentes classes etnia, gêneros e religiosidade, no interior desta coletividade. Ou seja, entendo o termo mulheres como abrangendo corpos e subjetividade de sujeitos que não são neutros, abstratos e nem universais (Kessler, 2015, p.32).

³ O Atlântico Futebol Clube foi fundado em 03 de fevereiro de 1937, para homenagear o Clube Esportivo e Recreativo Beneficente Atlético, que tinha como atividade principal o futebol. <https://www.jornalbomdia.com.br/noticia/1450/atlantico-f-c-empessa-nova-diretoria>.

2 SOCIOLOGIA E FUTEBOL

O mundo do futebol é complexo e necessita de olhar mais refinado, visto que possui estrutura própria, com mecanismos internalizados na nossa cultura. Diante disso, as teorias têm peso significativo para desnaturalizar o senso comum e analisar o futebol do ponto de vista científico.

O futebol é uma grande representação social, um conjunto de retratos da vida brasileira, que se revelam nos campos, nas torcidas, nas comemorações, nas organizações dos torneios. Mobiliza milhões e milhões de pessoas, que se envolvem, direta ou indiretamente, nos eventos futebolísticos (MURAD, 2012, p. 81).

A abordagem sobre o futebol ainda é um tema relativamente recente no domínio das Ciências Sociais. Historicamente este esporte tem sido estudado, de forma sistemática, pelos profissionais oriundos da Educação Física e de outras áreas, os quais, naturalmente, enfocam-no, na maioria das vezes, pela perspectiva técnica, tática, física, motora (ASSUMPCÃO; NEVES; CAMELO, 2014, p. 01).

O futebol ainda é um tema que, por muito tempo, recebeu pouco espaço da academia. Contudo, atualmente suas análises são relevantes para entender diversos contextos da sociedade, pois o futebol pode ser entendido como uma importante ferramenta de análise da realidade. Os esportes, em geral, e o futebol, em particular, fazem parte do cotidiano dos brasileiros e têm imprimido sua marca no que pode ser chamado de nossa identidade social (RATTON; MORAIS, 2011, p. 01)

Longe de ser entendido apenas como o “ópio do povo”, o futebol ajuda a compreender diversos mecanismos culturais e análises sociológicas da sociedade. Afastando-se do senso comum e analisando com profundidade a construção social do futebol brasileiro é possível perceber que a categoria classe social estava imbricada nessas relações, sendo que inicialmente no Brasil a prática desse esporte tinha recorte racial e econômico.

Portanto, é significativo destacar que o futebol, tal e qual se conhece e se pratica hoje, diferentemente do samba, teve sua origem em uma elite branca e rica de país anglo-saxão, foi trazido para o Brasil por membros da elite local e por ela praticado, inicialmente, de forma amadora (BARRETO, 1995, p. 234).

É possível entender diversos aspectos tendo o futebol como lente, como meio de entender reproduções culturais na sociedade, pois esse tema é transversal, podendo ser observado e analisado sob vários pontos de vista. Isso posto, não nos interessa aqui o futebol

apenas como uma prática de “correr atrás da bola e fazer gols”, mas sim entendê-lo como parte integrante dos meandros de nossas práticas sociais.

Portanto, a pesquisa sobre futebol possui validade científica como qualquer outra área pesquisada, visto que usa de rigor teórico e metodológico para compreender as relações sociais imbricadas na temática estudada.

2.1 MULHERES EM CAMPO

A historicidade da participação das mulheres no futebol está vinculada aos avanços pautados por movimento de mulheres, sendo pauta principal a participação ativa na sociedade, igualdade na política, direito ao voto, equidade de gênero, entre outros.

Todavia, ser mulher e estar presente no meio futebolístico significou romper com o sistema patriarcal vigente que delimitava participação das mulheres em espaços privados. Para permanecer inseridas nesse meio as protagonistas desse período romperam com a idealização do papel social da mulher ligada à maternidade, porém mesmo com resistências, houve um período de proibição que culminou na celebre frase “futebol é coisa de homem”. Isso é perceptível até os dias atuais.

O preconceito em relação ao futebol de mulheres tem influência direta com a desigualdade de gênero, constatada em vários segmentos sociais da sociedade patriarcal. As jogadoras enfrentam preconceitos de variadas formas, dentre elas de ordem estética e heteronormativo, ou seja, as jogadoras não são reconhecidas enquanto profissionais, mas sim por exaltar padrões de feminilidade e estar de acordo com padrões heterossexuais.

Segundo Kessler (2012, p. 20) para os homens (jogadores) o atributo está ligado à virilidade, enquanto para as mulheres a ênfase é dada pela atratividade sexual e beleza.

Diante destas questões, a pesquisa busca verificar, de modo empírico, quais são os reflexos culturais causados pela desigualdade de gênero encontrados no meio futebolístico.

Nas ciências humanas existem variados campos de pesquisas com distintas temáticas, algumas delas despertam maior interesse em detrimento de outras. Para tanto, o intento desse trabalho é dar visibilidade a temática por vezes subalterna nas abordagens das Ciências Sociais e compreender o futebol de mulheres no interior do Rio Grande do Sul. Para isso, é preciso, contudo, entender o processo que culminou na diferenciação de homens e mulheres em algumas modalidades esportivas, e não somente em nosso caso particular: o futebol.

Na atualidade, entretanto, as mulheres competem em quase todos os níveis e modalidades esportivas – o que não quer dizer que a sua participação ativa neste contexto não continue sendo motivo de questionamentos, nem que ela seja plena e pacificamente aceita no ambiente dos esportes (KNIJNIK; VASCONCELLOS, 2003, p. 2).

Nesse sentido, ao falar de futebol, automaticamente somos levados/as a pensar no praticado por homens. Muito embora exista o futebol de mulheres, o masculino está em evidência diariamente nos noticiários sobre jogos, classificação, competições, etc. Podemos pensar que esse imaginário está diretamente vinculado com a propagação de informações sobre atletas homens, não sendo assim um fato natural, mas sim naturalizado na nossa cultura. Entretanto, faz-se necessário frisar que a história do futebol como espaço masculino foi construída como meio de coibir a participação das mulheres/meninas. É possível pois, perceber que as brincadeiras para meninos e meninas são diferentes, ou seja, os meninos são estimulados a jogar futebol desde pequenos enquanto as meninas são incentivadas a brincar com bonecas.

A cultura é, pois, um comportamento aprendido. Podemos dizer, portanto, que o futebol faz parte da cultura brasileira [...] (OLIVEIRA, 1986, p. 71). No entanto, negar a participação das mulheres nessa modalidade é não reconhecer a presença nesse esporte.

A lacuna histórica da participação das mulheres nos campos/quadras está se tornando visível graças a trabalho de pesquisadores/as de diversas áreas que têm buscado, através de pesquisas, dar voz às mulheres que foram silenciadas na história de diversas modalidades esportivas.

No intuito de compreender as relações históricas no futebol de mulheres será feita breve contextualização da participação em diferentes momentos e competições.

De acordo com Gabriel Kuhn (2015, p. 16), as primeiras partidas organizadas de futebol de mulheres ocorreram no ano de 1890 na Inglaterra, e continuaram se popularizando depois desse período. Durante a I Guerra Mundial, como a maioria dos jogadores homens foi convocada para os campos de batalha, os jogos entre mulheres passaram a ser regularmente agendados e geralmente eram eventos para angariar dinheiro para a guerra. Com o fim da guerra, o futebol de mulheres não perdeu força e seguiu se tornando popular. Com a nova realidade as mulheres na Inglaterra ocuparam os campos de futebol, espaço anteriormente reservado apenas para homens.

O time feminino mais popular foi o *Dick Kerr's Ladies*, fundado em 1917 por W. B. e John Kerr, donos de uma empresa de origem escocesa em Preston, na Inglaterra. Diante da visibilidade e sucesso do time, o mesmo passou a sofrer sanções da Federação Inglesa de

Futebol, sendo que devido ao sucesso e público bem superiores que os masculinos, a *Football Association* (FA) proibiu a prática do futebol pelas mulheres na Inglaterra. Não existem registros de qualquer futebol organizado de mulheres entre 1920 e 1970 (KUHN, 2014, p. 17).

Segundo Kuhn (2014, p. 17) a proibição do futebol feminino pela FA foi suspensa em 1971. A única federação de futebol que manteve proibição mais longa foi o Paraguai, onde as mulheres ficaram sendo proibidas de organizar o futebol até 1979.

No Irã, o futebol feminino não chegou ao extremo de ser proibido, mas foi muito desestimulado pela religião e pelas famílias, que podiam castigar as mulheres e, por isso, praticamente desapareceu até o final dos anos 1970. A partir de 1990, surgiram equipes em colégios e clubes, disputando torneios locais e regionais (MURAD, 2014, p. 126).

O Islã não proíbe a prática esportiva feminina, mas inibe e cria obstáculos muito difíceis de ultrapassar, como o conceito de que é legal e legítima a condenação de qualquer atividade nas quais as mulheres se misturem com os homens. Para tanto, os argumentos apresentados são os fundamentos do alcorão (MURAD, 2014, p. 128).

Na realidade brasileira o futebol de mulheres sofreu um período de proibições sancionadas em lei pelo presidente Getúlio Vargas. Consta no decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941 a seguinte afirmação:

Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.

Essa lei foi revogada apenas na década de 1983. Esse período foi extremamente penoso para as mulheres, pois a proibição acarretou na diluição das organizações esportivas em que mulheres faziam parte, tirando-as de cena e limitando a papéis secundário na sociedade. O impedimento foi reforçado pelo estereótipo da mulher responsável pela reprodução dos filhos da nação, eram vistas como úteros ambulantes, sendo estigmatizadas de frágeis, necessitando de cuidados e vigilância constante, por esse motivo proibidas da prática de esportes classificados como agressivos e que deixavam o corpo com traços de masculinidade.

Entretanto, não houve apenas o decreto-lei que afastou as mulheres do meio futebolístico. Em 1965 o Conselho Nacional de desportos aprovou a deliberação nº 7 que, em seu artigo segundo, registrava não ser permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, rúgby, halterofilismo e baseball (GOELLNER, 2005, p. 03).

Contudo, esses argumentos estão alicerçados numa explicação biológica que fragilizava o corpo das mulheres como meio de manter afastadas desses esportes. Entretanto essa visão vêm sendo combatida por pesquisadores/as que compreendem a diferenciação entre homens e mulheres como social e culturalmente construída. A explicação biológica sobre os gêneros não leva em consideração que a estrutura vertical na sociedade é ocasionada pela relação de poder, portanto desigual.

De acordo com Scott:

“Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para as várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as ‘construções sociais’ – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e mulheres (Scott, 1989, p. 07).

A hierarquia define funções e espaços na sociedade de acordo com o gênero de cada indivíduo. Essas diferenças se refletem no futebol, visto que no caso da mulher, apela-se para conceitos de feminilidade, fragilidade, beleza física, apelo à maternidade.

Após 1760, abundam as publicações que recomendam às mães cuidar pessoalmente dos filhos e lhes “ordenam” amamentá-los. Elas dispõem à mulher a obrigação de ser mãe antes de tudo, e engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o instinto materno, ou do amor espontâneo de toda mãe pelo filho (BADINTER, 1985, p. 145).

Essa ideia do mito do amor materno foi fomentada naquele contexto e impõe culturalmente que essa seria a função da mulher na sociedade.

As tentativas de padronizar e enquadrar as mulheres de diferentes formas fazem parte da medicina, psiquiatria, religião, entre outras.

Engel (2013 apud Ongaro, 1983, p. 13) analisa que:

A construção da imagem feminina a partir da natureza e das suas leis implicaria qualificar a mulher como naturalmente frágil, bonita, sedutora, submissa, doce, etc. Aquelas que revelassem atributos opostos seriam consideradas seres antinaturais. Entretanto, muitas qualidades negativas – como a perfídia e amoralidade – eram também entendidos como atributos naturais da mulher, o que conduzia a uma visão profundamente ambígua do ser feminino (ONGARO, 1983, Apud ENGEL, 2013, p. 13).

Esses discursos circulavam livremente na sociedade corroborando para engessar a imagem das mulheres numa visão maniqueísta podendo assim manipular as situações.

De acordo com Butler (2013):

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo, desta ou daquela maneira. Levada ao seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos (BUTLER, 2013, p. 24).

A autora rompe com o binarismo de gênero nas suas interpretações, pois, segundo ela a cultura produz os corpos dando significado aos mesmos. Diante dessa análise, compreende-se que a cultura é primordial para entender as práticas reguladoras, ou seja, a reprodução cultural dos gêneros.

De acordo com Butler (2013) embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um 'fator' ou 'dimensão' da análise, ele também é aplicado a pessoas reais como uma 'marca' de diferença biológica, linguística e/ou cultural. O gênero pode ser compreendido como um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente; contudo mesmo assim esse significado só existe em relação a outro significado oposto.

Conforme Bourdieu (2002) existem nas relações a dominação masculina em detrimento da feminina, algo que é reproduzido de várias formas, por vezes muito sutis:

Também sempre vi na dominação masculina e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que chamo de violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2002, p. 02).

No entanto, é possível entender que nas relações de gênero nem sempre a mulher visualiza a desigualdade, pois há internalização dos diferentes papéis na sociedade. A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção. A visão androcêntrica se impõe como neutra e não tem necessidade de se anunciar em discursos que visem legitimá-la (BOURDIEU, 2002, p. 07).

As formas de opressão recai sobre as mulheres, haja vista que nenhum momento nas práticas esportivas os homens são questionados pela força física, paternidade ou sensualidade, salvo por comentários homofóbicos. Para o jogador a exigência é habilidade, raça, desenvoltura e, no caso do futebol, gols.

Assim o processo de desqualificação da prática do futebol pelas mulheres/meninas ganha proporções maiores sendo impedidas de jogar junto com meninos.

De acordo com Damo:

De modo geral, as meninas tendem a excluírem-se do futebol na medida em que ele é culturalmente marcado como um jogo para meninos. Quando isso não acontece,

elas são, então, excluídas. Os argumentos mais frequentes, invocados pelos meninos, são de que “elas não sabem jogar” e por isso “atrapalham o jogo”, “dão chutes para qualquer lado” e “caneladas”. Os argumentos mascaram, em grande parte, o fato de que um jogo com a presença de meninas tende a ser interpretado, pelos próprios meninos, como um jogo que não é jogado a valer, no qual as hostilidades não podem ser exercidas plenamente na medida em que elas interessariam apenas aos meninos (DAMO, 2006, p. 01).

De acordo com Mead (1979, p. 293) o conhecimento de que as personalidades dos dois sexos são socialmente produzidas é compatível com todo programa que aspire a uma ordem social planejada.

Na busca pela explicação sobre a construção dos sexos ao analisar diferentes comunidades em variados contextos, percebe-se que a relação entre homens e mulheres faz parte de mecanismos culturais específicos de cada grupo, chegando à conclusão que a relação entre os sexos é diferente para cada sociedade, não sendo necessariamente a mulher responsável pelo espaço privado, mas sim pelo espaço público.

Todavia, percebe-se que as interpretações acerca de gênero são variadas. É importante ressaltar que convergem sobre o entendimento das relações de gênero como construções culturais, não sendo, portanto naturais as desigualdades entre os gêneros na sociedade de modo geral, nem nos esportes, de modo particular.

2.2 MULHERES E ESPORTES

Embora o tema possa ainda ser considerado periférico, já há, no âmbito das Ciências Sociais uma relevante produção de pesquisas em relação ao futebol. Entretanto, no que se refere ao futebol de mulheres, os trabalhos ainda são incipientes. Para entender o mundo futebolístico no qual as mulheres estão inseridas, faz-se necessário compreender os mecanismos históricos que contribuíram para tornar invisível a participação das mulheres no futebol.

Como vimos anteriormente, a participação das mulheres no esporte não é fato novo, muito embora parte da sua história fosse apagada por leis que proibiram a participação em alguns esportes.

No período de Getúlio Vargas foi sancionada lei que proibia a prática de diversos esportes por mulheres, pois de acordo com a legislação esses esportes feriam a feminilidade das mulheres responsáveis pela reprodução da nação brasileira. Isso implicou a retirada das mulheres de diversos espaços esportivos. Essa lei foi revogada apenas na década de 1983, porém, esse período foi extremamente penoso para as mulheres, pois a proibição acarretou na

diluição das organizações esportivas em que mulheres faziam parte, tirando-as de cena e direcionando quais esportes poderiam ser praticados.

De acordo com Goellner (2005, p. 145) em 1965, o Conselho Nacional de Desportos aprovou a deliberação número 7 que, em seu artigo segundo, registrava não serem permitidas as práticas de lutas de qualquer natureza, futebol de praia, polo aquático, rúgby, halterofilismo e baseball.

De acordo com Moreira (2008):

Somente em 11 de abril de 1983 as mulheres conseguem a legalização para a prática do futebol. Através do Diário Oficial da União se publica a Deliberação nº 01/83 do CND, que dispõe sobre as normas básicas para a prática do futebol feminino. Nessa deliberação, o CND reconhece o crescente interesse das mulheres pela modalidade, não apenas no Brasil como em todo o mundo, e resolve: Art. 1º O futebol feminino poderá ser praticado nos Estados, nos Municípios, no Distrito Federal e nos Territórios, sob a direção das Federações e Ligas do desporto comunitário, cabendo à Confederação Brasileira de Futebol a direção no âmbito nacional (MOREIRA, 2008, p. 02).

A partir dessa data as mulheres retornam a participar de competições oficiais e lutam para garantir espaço novamente nessa área, visto que no imaginário da população brasileira mantinha-se a representação masculina como referência nesse esporte.

Os gestos, as musculaturas, as roupas, os acessórios, os suplementos alimentares carregam consigo significados que, na nossa sociedade e no nosso tempo, estão também associados ao feminino e ao masculino. Essas marcas produzem efeitos e, não raras vezes, são reclamadas para justificar a inserção, adesão e permanência de homens e mulheres em diferentes práticas corporais e esportivas (GOELNNER, 2007, p. 18).

O futebol de mulheres fica mais evidente na mídia quando na participação em Olimpíadas e/ou durante Copa do Mundo de futebol. Assim a participação em competições nacionais ficam praticamente invisíveis e grande parte da população desconhece a existência de campeonatos

Ainda assim, segundo Teixeira e Caminha, é possível perceber um movimento de inserção das mulheres no universo do futebol.

No âmbito das práticas corporais, por exemplo, é possível apontar para a inserção cada vez maior da mulher na dimensão do esporte. No caso do futebol, esporte tradicionalmente associado à virilidade e ao esforço físico masculino, tem-se percebido um aumento na participação feminina impulsionada pela realização de competições internacionais como a Copa do Mundo de futebol e a inserção do futebol feminino nas Olimpíadas (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013, p. 02).

Entretanto, quais espaços são destinados para a socialização de informações frente à realidade das mulheres, seja no futebol ou em outros esportes no Brasil? Essa é uma questão que causa inquietação para pesquisadores/as na área de gênero e esportes. A mídia deixa muito a desejar:

Ao produzir imagens de todos os tipos – fotografia, anedotas, textos, entre outras – a mídia fortalece o que se chama de imaginário social coletivo – isto é, as representações, eventos e personagens, os mitos e “ideias gerais” que nem sempre coincidem com a verdade, mas que são as versões mais difundidas (SOUZA; KNIJNIK, 2007, p.36).

Segundo estes autores, é possível ver claramente no Brasil, apesar do crescente número de atletas que estas ainda estão submetidas a diversos padrões e modelos de comportamento, sobretudo no que se refere aos estigmas relacionados ao corpo e sexualidade.

Em reportagem sobre as mulheres atletas a primeira questão é ser exaltada é a feminilidade, estética corporal, sensualidade, beleza física e em último lugar a habilidade. Nesse sentido, entende-se que para participar de alguns esportes a mulher precisa conter todos os adjetivos que a torna “feminina” pois, do contrário, a sexualidade será questionada.

Sendo assim:

A necessidade de criar em torno da mulher um conjunto de tarefas que ideologicamente só poderia ser por ela executadas tornava-se absolutamente indispensável. E é dentro de um quadro de ameaça à produção que a “educação” da mulher se torna fundamental para a manutenção da ordem (CARMEM, 2012, p. 22).

Diante dessa perspectiva fica evidente que as relações existentes entre ambos fazem parte de construções culturais que definem qual esporte será incentivado.

2.3 MULHERES E MÍDIA ESPORTIVA

Diariamente notícias circulam em diferentes plataformas, como televisão, rádio, internet, etc. Os veículos midiáticos são responsáveis pela transmissão de informações para a sociedade como meio de manter as pessoas atualizadas. No meio esportivo a divulgação sobre clubes, times, tabelas de jogos fazem parte do cotidiano pois, sua ação permite que as pessoas tenham acesso a informações sobre disputas locais, nacionais e mundiais.

Tratando sobre as relações da sociedade entre elas está e o futebol. Witter comenta que “à imprensa sempre cumpre um papel especial na vida do jogador. É ela que conta o dia-a-dia do clube e tece comentários sobre a equipe e sobre o jogador” (WITTER, 1990, p. 32).

Sendo o “país do futebol”, é normal que informações de tal natureza circulem nessas mídias, rodas de conversa entre amigos e familiares, debates calorosos entre torcedores de times rivais, classificação, jogos entre outros.

Ao mesmo tempo, pressupor de antemão que o cotidiano do futebol seja algo que não atraia a atenção feminina subjuga não somente o interesse das mulheres pelo futebol, mas reduz, ao mesmo tempo, um símbolo nacional à condição de símbolo meio nacional (FRAGA, 2015, p. 268).

Entretanto, há um elemento que diferencia a visibilidade entre homens e mulheres: a mídia tem como foco o futebol espetáculo.

Osmar Júnior (2013) ao analisar Damo, admite ainda que a espetacularização do esporte, especialmente do futebol, é indissociável da espetacularização da própria sociedade ocidental, marcada pelo advento do aumento do tempo livre, da laicização, da urbanização e da emergência do consumo em larga escala. Assim, podemos assumir que a espetacularização do futebol teria sido um importante ingrediente que pavimentou o caminho rumo ao processo de profissionalização da modalidade

A imagem das mulheres no esporte não está vinculada com o futebol espetáculo, por esse motivo não tem a mesma visibilidade. As informações sobre time de mulheres são divulgadas quando há jogos pela seleção brasileira ou em término de competições para mostrar a equipe campeã.

Esse discurso é presente principalmente pelo fato de entender que o futebol de mulheres não gera lucro e assim, muitos argumentos são utilizados como meio de escamotear a ideia da profissionalização por parte das jogadoras.

Podemos afirmar que para a mídia as modalidades femininas mais valorizadas são o vôlei, o atletismo, e o basquete. A valorização dessas modalidades se dá devido a sua construção histórica, no caso do vôlei e do atletismo são consideradas modalidades femininas, onde não se tem contato físico, com isso conservando sua condição de mulher (delicada e feminina) (MASSIMINO, 2012, p. 25).

Constantemente medidos em um discurso de equiparação de sua competitividade, homens e mulheres são distinguidos no discurso midiático e social pelas análises biológicas. (KESSLER, 2012, p. 245).

As mulheres simplesmente estão inseridas em uma sociedade onde o futebol foi transformado em símbolo de nacionalidade e de modernidade, ocupando uma vasta gama de espaços dentro da mídia, com notícias cotidianas sobre jogadores, times e campeonatos. Negar que uma substancial parcela do público de tais veículos seja composto por mulheres

significa o mesmo que negar a existência de tal público e seu acesso a essas notícias (FRAGA, 2015. p. 275).

O futebol torna-se assim um campo de resistência para as mulheres que o praticam, pois o discurso de que homens são mais fortes e ágeis são difundidos pelo senso comum, desvalorizando o futebol de mulheres e criando uma imagem negativa das jogadoras que estão nesses meios.

A sociedade ainda hoje é extremamente conservadora e não admite que as mulheres participem de ambientes particularmente masculinos. A discriminação e o preconceito contra as mulheres ainda são evidentes nas práticas de algumas modalidades esportivas, como o futebol (MOREIRA et al., 2009, p. 09).

A pouca divulgação dos eventos envolvendo o futebol de mulheres deixa praticamente invisível a existência de campeonatos. A consequência é a pouca participação de torcidas nos jogos, a continuidade do preconceito, desconhecimento, etc. No futebol de mulheres existem diversas disputas, tais como: Competições Mundiais, Olimpíadas, Campeonato Gaúcho, Copa do Brasil, entre outros, no entanto, nos meios de comunicação não há espaço para a divulgação.

Este aspecto aglutinador do futebol também é percebido numa dimensão maior, nacional, com relação à seleção brasileira, e está presente no discurso da crônica esportiva como sendo a legítima representante do povo brasileiro. (CARNEIRO, 2007, p. 02).

Para suprir essa lacuna, por vezes as redes sociais são utilizadas como ferramentas para divulgar fotos, vídeos, participações em competições e outras atividades promovidas pelos clubes. Por esse motivo são compreendidas como mecanismo para compartilhamento e atualização de informações. Embora seja um espaço limitado, se torna essencial na divulgação de informações acerca do futebol de mulheres.

2.4 MULHERES E FUTEBOL EM ERECHIM

No município de Erechim há competições em várias modalidades dentre elas: futsal, futebol de campo, futebol sete, sendo praticado por homens e mulheres. Essas disputas são organizadas pela Secretaria de Esportes do município e acontecem anualmente. As competições são amadoras e acontecem por um período de tempo determinado pela secretaria. A premiação da equipe vencedora é de troféus e medalhas.

Em Erechim, como qualquer outro local do Brasil existe futebol de mulheres, porém a pouca visibilidade faz parte da realidade.

A invisibilidade histórica associada às mulheres praticantes do futebol no Brasil é um reflexo e consequência do preconceito presente ainda nas relações sociais direcionadas a esses diferentes corpos, o que gerou como desdobramento os processos de exclusão social impostos a essas mulheres (MORAES; DIAS, 200, p. 185).

Na cidade não há um local específico onde seja possível fazer pesquisa sobre futebol de mulheres, pois não existem locais de pesquisa relacionados ao tema. A tentativa de encontrar informação sobre o futebol de mulheres no Arquivo Histórico local não foi satisfatória, visto que não tem material para pesquisa sobre a participação das mulheres no futebol em Erechim. Foi possível encontrar informações sobre a trajetória de competições do Atlântico FC em jornal impresso com uma interlocutora em seus arquivos pessoais guardados e também com pesquisas na internet.

De acordo com Kessler (2015) “se recorrermos aos registros históricos oficiais, que se pensam guardados em entidades e federações que organizam essas práticas no rio Grande do Sul, o simples armazenamento de dados se restringe, quando muito, aos últimos 03 ou 05 anos. Até mesmo na internet são raros os registros, dificultando reconstruir os fragmentos históricos (KESSLER, 2015, p. 70).

No arquivo histórico foi possível encontrar, documentos históricos e informações sobre dois clubes masculinos, recontando a trajetória desses clubes que são mais antigos na cidade.

Os times com maior representatividade na cidade são C.E.R Atlântico⁴ e Ypiranga Futebol Clube⁵. Os dois clubes têm espaço na mídia local para divulgação das datas do jogos e incentivar a torcida a participar dos jogos. O comércio local contribui com promoções para incentivar a participação da comunidade nos jogos através de compras de produtos que reverterem como brinde ingressos para assistir os dos jogos.

O Atlântico Futebol Clube está situado no município de Erechim/ RS e está localizado no bairro Atlântico próximo a área industrial da cidade. O clube conta com associados que utilizam o espaço para os momentos de lazer com familiares e para prática de esportes.

De acordo com informação de jornal local o Atlântico foi fundado em 03 de fevereiro de 1937, para homenagear o Clube Esportivo e Recreativo Beneficente Atlético, que tinha como

⁴ Para maiores informações ler “Memória do clube esportivo e recreativo Atlântico da cidade de Erechim”, 2008. Dissertação de mestrado José Antônio Alba.

⁵ Ver <http://www.yfc.com.br/>.

atividade principal o futebol. Sua sede, mais conhecida como Parque do Galo, foi inaugurada em 1991 e conta com área verde de 123 mil metros quadrados com piscina, quadras esportivas e ampla área verde. Segundo a direção atualmente possui 750 sócios aproveitam os benefícios do lugar.

O clube trabalha com escolinha para meninos entre 08 aos 16 anos. No feminino atualmente categoria de base sub 15 e 17 e veterano masculino que participa de competições locais.

Recebeu maior notoriedade com a participação do time de mulheres no Campeonato Gaúcho Feminino de futebol, bem como pela participação na copa do Brasil e outras competições. Interessante frisar que já na primeira participação consegue ótima colocação ficando entre as três melhores equipes.

O Atlântico futebol Clube inicia com o time de mulheres em 2011 no campeonato Gaúcho de Futebol Feminino.

Na primeira participação disputou com equipes que já possuem experiência na participação de competição e são equipes da região central da capital. Nos anos de participação esteve entre as melhores equipes do estado, mesmo passando por inúmeras dificuldades de patrocínio.

O clube participou de várias competições; Campeonato Gaúcho Feminino, Copa do Brasil, Copa RS, Estadual Feminino, entre outras competições.

A colocação nas competições do Atlântico Futebol Clube em 2011 a colocação ficou em terceiro lugar, em 2012 ficou em segundo lugar, em 2013 Campeão Gaúcho, em 2014 ficou em quarto lugar, 2015 novamente em segundo lugar, em 2016 a colocação foi em segundo lugar.

No ano de 2017, devido à falta de recursos econômicos, o clube não participou do campeonato gaúcho com o time principal. A partir desse momento começou a trabalhar com competições no feminino sub 15 e sub 17. Atualmente são essas equipes do feminino que vêm sendo trabalhadas no clube.

A mídia televisiva e rádios da cidade contribuem informando as datas e locais dos jogos, no entanto a participação e prestígio são ínfimos. As redes sociais são utilizadas para divulgar os jogos e chamar a torcida, porém a participação não consegue abarcar grande parte da população, pois a informação circula entre grupos de afinidades.

Apesar da pouca visibilidade é possível encontrar nos jornais locais de anos anteriores informações sobre competições e classificação do time.

A realidade do masculino é outra, pois, além das redes sociais, outros meios de comunicação são utilizados para impulsionar a informação, seja visualmente com placas com datas e locais do jogos localizadas em espaços de circulação de pessoas ou chamadas na televisão em horários nobres que grande parte da população está assistindo. Todavia o suporte local para incentivar o futebol masculino é distinto das mulheres.

Na verdade, a mídia escolhe os assuntos, o tipo de abordagem e a forma como repercute aquilo que veicula. Ela define sobre o que devemos falar e ter opinião, além de, no limite, formar a nossa opinião sobre os temas que eleger e faz circular (KANESIRO, 2009, p. 16).

Em programas nas rádios locais sobre futebol a ênfase é dada a competições que acontecem na capital, ou seja, as mesmas discussões que são feitas na televisão são repetidas diariamente nas rádios locais, contribuindo para invisibilidade do futebol de mulheres, seja em âmbito local como em outras competições nacionais e internacionais. No entanto, é necessário enfatizar que algumas rádios locais contribuem na divulgação com entrevistas de jogadoras quando estas são campeãs em campeonatos locais, regionais, entre outros.

3 NO PAÍS DO FUTEBOL ESSA PAIXÃO TEM GÊNERO?

O futebol faz parte da cultura brasileira e é um meio para compreender algumas questões culturais na sociedade brasileira, dentre elas a relação entre homens e mulheres e seus reflexos no meio de futebolístico.

Existem mecanismos culturais que incentivam os meninos/homens a jogar futebol e praticar outros esportes, ao passo que incentivo as mulheres ainda é tímido. Porém mudanças são visíveis no envolvimento de meninas com o desejo de jogar, torcer e participar dos jogos nos estádios.

O Brasil na historicidade sobre o futebol desde seu início faz distinção de classe, etnia e gênero. Primeiramente o futebol era praticado apenas pela elite masculina e branca. Nesse contexto, o futebol era negado para pobres, negros e as mulheres ainda não participavam das competições.

No entanto, existem indícios dessa prática por marinheiros em praias e regiões portuárias. Os marinheiros britânicos, por seu turno, entretinham-se pelos portos do mundo praticando informalmente o futebol. Gozavam, portanto, de maior visibilidade, fazendo as cidades portuárias serem, amiúde, as primeiras a tomar contato com a novidade (MASCARENHAS, 2014. p. 40).

A propagação do futebol seguiu a lógica da influência cultural inglesa: de início nas próprias ilhas britânicas, a seguir na Europa Germânica, depois na Europa Latina, pouco mais tarde na América Latina (JUNIOR, 2007, p. 23).

Enviado à Inglaterra aos nove anos para completar seus estudos, Miller conheceu o futebol, que naquele país já fazia parte da rotina das *public schools*, e em 1894 retornou trazendo em sua bagagem dois uniformes, um livro de regras, um par de chuteiras, duas bolas e uma bomba de ar. O objetivo do jovem era o de difundir o futebol entre seus pares.

Muller chega no Brasil trazendo a experiência de jogar futebol na Inglaterra, porém já havia lugares em que a prática do futebol já se fazia presente. Nesse sentido, lembra ainda que existem relatos de jogos de futebol em colégios confessionais e laicos de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, desde a década de 1880, bem como notícias de que marinheiros ingleses teriam jogado futebol nas praias brasileiras em seus dias de folga, até antes desta data, portanto, bem antes de Muller ter voltado da Inglaterra (MOREIRA, 2013. p. 79).

Em décadas posteriores ao início do futebol abriu-se o futebol para negros e pobres. O processo de profissionalização ocorreu na década de 1930.

As mulheres estavam em espaços periféricos, não participando de competições oficiais. O primeiro jogo oficial teria acontecido em 1921, entre times paulistas da Cantareira.

A participação das mulheres, seguindo o exemplo do futebol masculino iniciou nas competições amadoras. Entretanto foram proibidas pelo decreto sancionado pelo presidente Getúlio Vargas, o que só seria revertido na década de 1983. Estudos demonstram as dificuldades encontradas pelas jogadoras no retorno desse esporte.

Estas jogadoras, nascidas antes dos anos 80, relatam que tiveram de enfrentar uma oposição muito forte dos meninos e mostrar muita competência para serem aceitas nas brincadeiras, para furar o bloqueio do “Clube do Bolinha”, como era considerado o universo do futebol, para enfrentar a resistência dos pais – e muitas vezes “jogavam escondidas da família”, que justificava a proibição com fundamentos conservadores, quase sempre baseados em preceitos morais (CARNEIRO, 2007, p. 04).

Uma vez que o futebol de mulheres não tinha representatividade, a volta da prática do futebol foi por vezes um espaço de resistência a falas preconceituosas.

Mesmo que as mulheres participassem de alguns eventos esportivos, o temor à desmoralização feminina frente a exibição e espetacularização do corpo se traduzia num fantasma a rondar as famílias, em especial, as da elite. A prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos, por exemplo, eram identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua autoafirmação na sociedade e, pelo seu contrário, como de natureza vulgar que a aproximava do universo da desonra e da prostituição (GOELLNER, 2005, p. 03).

Todos esses discursos eram utilizados como meio de manter as mulheres distanciadas de espaços públicos, incluindo jogos e competições. Somente após a Deliberação Nº 01/83 do Conselho Nacional de Desporto (CND) que determinaria as normas básicas para a prática do futebol feminino no Brasil, foi que as jogadoras passaram a gozar do direito de competir oficialmente com outras equipes de modo profissional (LIMA; SOUSA, 2016 p. 01).

A primeira Copa do Mundo feminina aconteceu em 1991 na China. Essa foi a primeira participação mundial da equipe brasileira. Do retorno aos campos até os dias atuais vários são os debates que permeiam esses espaços: melhores condições para atletas, profissionalização, continuidade em competições, fim do preconceito, investimento, incentivo, visibilidade, entre outros.

As mulheres buscam estar inseridas em vários espaços do futebol como:

A mulher como-ser-que-torce vem se configurando em um perfil feminino cada vez mais comum, perfil que se manifesta por diferentes meios que vão desde as arquibancadas até os espaços virtuais da Internet. Em grupo ou isoladas, o fato é que

as torcedoras de futebol vêm ganhando visibilidade, estimulando, desse modo, novas formas de composição identitária feminina, assim como, criando um público apreciador e consumidor de futebol que traz para esse esporte diferentes demandas e significados (COSTA, 2006, p. 01).

Nas redes sociais é possível encontrar torcidas femininas de vários clubes que participam dos jogos, incentivam seus times e, mobilizadas nas arquibancadas, articulam debates políticos de visibilidade e representatividade enquanto torcedoras.

As mulheres também têm sido cada vez mais responsáveis por “iniciarem” os membros mais jovens da família na paixão pelo futebol, função que era exercida basicamente por homens. Nos estádios podemos ver mulheres de todas as idades levando filhos, netos e sobrinhos para torcer por algum clube, ensinado-lhes uma série de rituais como cantar o hino ou balançar a bandeira do clube assim que ele pisa o gramado (COSTA, 2006, p. 25).

Outros espaços no futebol com pouca representatividade são os cargos diretivos, visto que são homens que estão ocupando altos cargos, discutindo sobre questões econômicas, organizacionais, contratações, estrutura, entre outros.

A ausência de mulheres em cargos de destaque na gestão esportiva dos clubes é um reflexo contextualizado da ausência das mulheres em ambientes públicos do final do século XIX (SALVANI; JUNIOR, 2016, p. 308).

Como meio de problematizar essas questões, inúmeras teses de Doutorado, Mestrado, TCC's, Grupo de estudos, pesquisas, cursos presenciais ou virtuais e encontros são organizados como meio de debater as necessidades dessa área. Questões são levantadas para discutir mudanças necessárias nas relações existentes nesse esporte.

Um fato novo e recente aconteceu em maio de 2016, quando a CONMEBOL (Confederação Sul-americana de Futebol) divulgou que os clubes precisam possuir times femininos com estrutura adequada e participando de competições até 2019. Isso é um avanço, entretanto, é necessário perceber como será esse processo, ou seja, quais serão as estratégias utilizadas para impulsionar e incentivar esse esporte.

De acordo com o presidente da CONMEBOL, Alejandro Wilson-Smith, em texto introdutório ao novo estatuto da entidade:

outro grande avanço foi dado em 12 de maio de 2016, na reunião do Comitê Executivo, realizada na Cidade do México. Nesta reunião, apresentamos as principais ideias-força do projeto de reforma. As bases centrais, entre outras reformas estruturais, estavam sustentadas em uma mudança cultural transcendente, que incluía: [...] A participação da mulher nos órgãos de decisão, a incorporação de membros independentes em comissões estratégicas, as inclusões de comissões permanentes que assegurem melhorar a eficácia e o controle da gestão (CONMEBOL, 2016, p. 07).

Em relação ao artigo 4º que relata sobre os objetivos, podemos observar que uma das propostas:

Promover o futebol na América do Sul em um espírito de paz, compreensão e jogo limpo, garantindo que no âmbito de futebol não exista discriminação de um indivíduo ou grupo de pessoas por razões políticas, de gênero, religião, raça, origem étnica, nacionalidade ou qualquer outro motivo (ESTATUTO CONMEBOL, 2016, p. 07).

Alguns mecanismos vêm sendo criados no Brasil como meio de incentivar a participação e a permanência das mulheres no esporte.

As jogadoras sonham com oportunidade em jogar na seleção brasileira e representar o Brasil, porém tem perspectiva de ganhos econômicos jogando fora do país pois, percebem a chance de viver do futebol e profissionalmente.

A falta de patrocínio, investimento cultural e financeiro faz o sonho de viver do futebol no “país do futebol” algo acessível apenas para uma parcela da sociedade.

Todas as questões levantadas contribuem para perceber que o futebol de mulheres passou por vários momentos históricos. É importante destacar ainda é necessário romper com o estigma frente a essa prática com vistas a equidade de gênero no meio futebolístico.

3.1 DO AMADOR À PROFISSIONAL EXPERIÊNCIA DAS ATLETAS

Como meio de entender os processos de vivência nos jogos e competições pelo clube Atlântico Futebol Clube feminino, foram organizadas 07 entrevistas entre atletas e equipe diretiva, o objetivo da pesquisa será compreender a trajetória esportiva das atletas e comissão técnica, experiências no clube, competições, estruturas dos clubes, as facilidades e dificuldades e, principalmente, entender quais são as possibilidades dessas atletas migrar do amador para clubes profissionais.

Participaram da entrevista cinco atletas pertencentes ao elenco do Atlântico Futebol Clube no período pesquisado. Além das jogadoras, duas pessoas da comissão técnica participaram da entrevista um técnico e um dirigente do clube.

Vale lembrar que as entrevistas foram feitas presencialmente em locais de escolha dos/as interlocutores(as) e gravadas em áudio com a permissão de todos/as participantes, com assinatura prévia do termo de consentimento.

Houve diferencial metodológico em duas entrevistas, pois, devido à distância de uma das atletas, a comunicação foi através de rede social. No outro caso, com a atleta surda, a entrevista foi filmada em Libras, sendo em seguida analisadas as respostas.

3.2 BREVE PERFIL DAS ATLETAS ENTREVISTADAS

Segundo relato, as atletas iniciaram a prática do futebol na infância, sendo incentivadas por familiares mais próximos pai, mãe, irmão, tio, amigos.

Todas as atletas atuaram no Atlântico Futebol Clube durante o período pesquisado e estavam presentes nas competições. As atletas em unanimidade relataram o desejo de se tornar jogadoras profissionais.

De acordo com os relatos, os maiores incentivadores das atletas são mãe, pai, irmão e namorada. A idade das interlocutoras varia entre 21 até 40 anos.

Ao iniciar no futebol amador as atletas não recebiam salários, tão pouco contratos com vínculos de trabalho nos clubes que atuaram.

Em relação ao espaço das primeiras competições, o futsal está presente na experiência de todas.

Durante o envolvimento no meio futebolístico, é recorrente nas falas das atletas terem presenciado falas preconceituosas durante os jogos, no intuito de desqualificar as jogadoras por serem mulheres e praticarem o futebol.

Uma das principais problemáticas levantadas pelas atletas está em morar longe da capital, pois esse fato dificulta a possibilidade de estarem inseridas em clubes com times profissionais, visto que estão localizadas nos centros urbanos e às jogadoras do interior a distância dificulta o contato com olheiros de outros clubes e possíveis testes e contratações.

Diante da impossibilidade de participação das atletas na categoria profissional muitas permanecem no amador. As jogadoras relatam o desejo de continuar inseridas no meio futebolístico para incentivar outras meninas/mulheres e dessa forma fomentar o crescimento da modalidade, bem como ocupar outros espaços de atuação no esporte.

3.3 RELATO DAS EXPERIÊNCIAS

A presença das mulheres no esporte não é novidade, no entanto, mecanismos foram criados como meio de coibir algumas práticas e direcionar as mulheres para esportes

considerados “aptos” a elas. Os principais argumentos para a proibição estavam ligados a questões de cunho biológico, como meio de distinguir os gêneros.

No intuito de compreender quais questões permeiam os espaços do futebol de mulheres, esse capítulo busca analisar fragmentos das entrevistas com as atletas e comissão técnica como meio entender quais são as dificuldades encontradas por um clube do interior que trabalha com o futebol de mulheres e com participação em competições. Para tanto, algumas perguntas foram formuladas e posteriormente as respostas analisadas.

Você sonhava em se tornar jogadora profissional? Por que?

Atleta 1-Eu sempre sonhei em ser jogadora de futebol na minha época não tinha tanta opção como tem agora.

Atleta 2-Quanto eu tinha a idade entre 17 a 22 anos sim, cheguei a fazer peneiras e fui jogar em times fora mas a grande dificuldade é econômica.

Atleta 5-Sempre sonhei em ser jogadora profissional de um dia chegar à seleção brasileira, primeiramente por ser um sonho e também financeiramente ajudar minha família!

O sonho de ser jogadora profissional está presente no relato das jogadoras, porém por inúmeros obstáculos acabam desistindo e permanecendo nas competições amadoras. O desejo da profissionalização é rompido pelas dificuldades encontradas pelas jogadoras na realidade do futebol de mulheres.

O que você compreende por ser uma jogadora profissional?

Atleta 1-Jogadora profissional igual ao homem profissional, uma atleta que teria um clube, camiseta do clube e salário, condições de viver do futebol, que goste de jogar futebol e tenha habilidade, mas que viva do futebol e não tenha outro trabalho.

Atleta 4-Para ser considerada profissional é necessário que tenha salário, contrato de trabalho, alojamento, precisa ter apoio, médico, fisioterapeuta, academia. Ser profissional é diferente de amador pois tem hora certa para alimentação, hora para dormir, horário de treinos, é necessário ter responsabilidade, foco no objetivo para jogar bem.

Atleta 5-Ser jogadora profissional exige de você muita dedicação, pois o treino é de alto rendimento. Exige cuidado com a alimentação, beber muita água e cuidar do corpo, pois ele é seu instrumento de trabalho.

De acordo com Osmar Junior (2013):

Na mencionada reformulação da Lei Pelé, a diferenciação entre esporte profissional e não profissional é mantida, porém o termo amador deixa de ser utilizado como uma das especificações do esporte não profissional. Já a lei nº 10.672/2003 buscou normatizar a exploração e gestão do esporte profissional, tratando-o como exercício de atividade econômica, ampliando o campo de designação para o termo profissional, para as modalidades e competições esportivas, além dos atletas (JUNIOR, 2013, p. 81).

Em relação a compreensão da profissionalização do esporte as respostas são variadas, porém fica evidente que a estrutura é diferente da amadora, ou seja, as atletas tem outras condições de treinamento recebem salário, tem alimentação adequada, horário para as atividades, cuidado com o físico, treinamento tático e estratégico, entre outras.

Cite alguma personalidade do futebol que sirva de inspiração para você.

Atleta 3- A Marta ela é a atleta, ela é a pessoa que leva o futebol feminino.

Atleta 4-A Marta eu admiro muito pelo futebol dela, admiro a Formiga, a Vanessa melhor jogadora de futsal, Amandinha e Andressinha.

Atleta 2-Desde sempre foi a Marta até pela história dela.

A Marta⁶ é referência no futebol de mulheres, visto que ela se tornou um ícone do futebol de mulheres por ser cinco vezes ganhou o prêmio de melhor jogadora do Mundo e por lutar pela visibilidade do futebol de mulheres.

Já sofreu preconceito por ser jogadora de futebol? Por ser mulher, pela sexualidade, classe social, questões étnicas ou outros?

Atleta 3-As jogadoras do interior são castigadas xingadas de colonas, polacas, voltem pra para aqueles buracos.

Atleta 3-Já ouvi falar olha lá parece um homem jogando, não pelo futebol, por que tenha cabelo curto, por que caminha diferente não usa salto, maquiagem, vestido.

Atleta 4-Sofri preconceito pela minha surdez, não havia comunicação em alguns clubes, durante as reuniões da equipe não participava tinha acesso as informações muito resumida.

Em relação ao preconceito as jogadoras relatam diferentes formas de discriminação pela sexualidade, pela questão étnica em morar no interior, por não representar os padrões

⁶ Melhor jogadora de Futebol Feminino cinco vezes melhor do Mundo. <https://www.ebiografia.com/marta/>.

heteronormativos, por ser surda e não ter comunicação adequada e por fim, não seguir um padrão de beleza “feminino”.

Esta feminilidade é apresentada dentro de um campo hegemônico de heterossexualidade compulsória, o que significa dizer um regime político em que a heterossexualidade aparece como uma norma sociocultural naturalizada; em que a orientação sexual heterossexual, o casamento, a constituição da família nos moldes heterossexuais e o trabalho doméstico não remunerado aparecem como condições “essenciais” das mulheres, e não construtos histórico-culturais (PEREIRA, 2015. p. 02).

Quais as questões de gênero e sexualidade vivenciada nas competições?

Atleta 1-Já vem do próprio machismo a menina vai lavar a louça e o piá jogar futebol.

Atleta 4-Me falara que futebol é para homem, argumentando que as mulheres podem se machucar por ter corpo mais frágil. Falam que as mulheres que jogam futebol são todas lésbicas, sim algumas são, mas não pela influência do futebol.

Atleta 2-O fato de ser mulher causa preconceito, o homem pode errar o chute da bola, porém a se a mulher erra é por que é mulher. A sexualidade é motivos de xingamento.

Atleta 2-Quando a jogadora errava gritavam vai lavar as panelas vai pra casa.

É possível perceber nesses argumentos a tentativa de padronizar a mulher jogadora num padrão de feminilidade quem não está de acordo com essa norma passará por diversos constrangimentos. No relato das atletas fica visível como a tentativa de subalternizar a participação nesse esporte é presente, com argumentos carregados de preconceito tentando desqualificar as jogadoras

O preconceito em relação à participação das mulheres no futebol profissional se explica devido o esporte ser entendido como uma prática sociocultural que possui uma ordem de valores. Assim, a entrada de mulheres nos campos de futebol como jogadoras, de certa forma, subverteu os valores e a “ordem” sociocultural pré-estabelecida, despertando reações que enfocam discussões em torno papéis sociais a serem desempenhados de acordo com cada um dos gêneros, masculino e feminino, e que até hoje estão presentes nas sociedades (LIMA; SOUSA, 2016, p. 13).

Sobre as dificuldades encontradas pelas jogadoras em morar no interior do Rio Grande do Sul:

Atleta 1-Falta de oportunidade uma que a gente mora no interior, a gente tem pouca visibilidade.

Atleta 3 -Tive experiência que fui convocada para representar o Grêmio pra jogar o campeonato brasileiro. Acabei não ficando devido aos custos, por que morava no interior.

O fato de morar longe dos grandes centros acaba causando diversos problemas para as jogadoras não apenas no preconceito, mas também pela dificuldade de visibilidade das jogadoras, diminuindo as possibilidades de inserção num clube profissional. No relato da atleta a impossibilidade de continuar jogando se deu por conta do clube não aceitar ter gastos com deslocamento semanal da jogadora.

Qual a relação econômica existente em jogar por amor ou por recebimento de salário?

Atleta 2-Ajuda de custo sim, salário não! Recebia quando jogava fora que eles pagavam por jogos e por acaso se quebrasse o problema eu recebia por jogo.

Atleta 1-Cenário diferente do masculino até no próprio amador se tu for ver tem homens que vão jogar e recebem, as gurias são tudo por amor.

Atleta 3-Salário nunca recebi, não tinha custo nas viagens mas não recebia pra jogar.

Atleta 4-Para viagem eu recebo bolsa do ministério dos esportes em participação em campeonatos fora do Brasil, espero continuar como bolsa atleta. Em outros clubes nunca recebi salário, apenas estrutura para jogar, e contava sempre com o apoio econômico da minha família e um patrocinador da empresa onde meu pai trabalha.

Atleta 5-Meu primeiro salário foi jogando profissionalmente no Grêmio e agora que estou atuando no Kinderman.

No relato das atletas a prática do futebol sem remuneração é corriqueira, pois ainda não é possível vislumbrar a profissionalização das jogadoras, acaba ficando tudo por “amor a camisa”, ou seja, amador.

A grande maioria das jogadoras vive de ajudas de custo (sem salário ou carteira assinada) e as equipes brasileiras têm custeado seus gastos mediante parcerias com prefeituras (que podem ou não ser renovadas a cada mandato eleitoral, possivelmente comprometendo a continuidade de trabalhos iniciados) (KESSLER, 2012, p. 246).

Houve alguma mudança no investimento do clube após ser campeãs pelo campeonato gaúcho?

Atleta 3: Quando ficamos campeãs fomos homenageadas na prefeitura, recebemos uma placa na câmara de vereadores, mas assim, ficou meio restrito a isso, passou na televisão, teve algumas homenagens. Economicamente não houve mudança!

Segundo relato das jogadoras após se tornarem campeãs gaúchas, foram feitas homenagens, participação em mídias televisivas, rádios locais, divulgação em jornal impresso, entretanto, em relação a patrocínios não houve mudança significativa.

3.4 COMISSÃO TÉCNICA: UM OLHAR SOBRE A ESTRUTURA DO FUTEBOL DE MULHERES

Os entrevistados relatam experiências em trabalhar com times masculinos e femininos, quais são problemáticas encontradas, patrocínio, investimento econômico, divulgação dos jogos, entre outros.

Entrevistado 1- As jogadoras não recebem salário para atuar no time, igual ao profissional mas existe muita dedicação e empenho durante os jogos.

Entrevistado 2-As atletas não ganham nada com isso, não ganham nada para jogar mas elas jogam por amor à camisa. Isso é um futebol que nem antigamente, tu pega um time profissional, o interesse é muito por dinheiro.

Entrevistado 1-Foi com bastante dificuldade por que não se tinha recurso nenhum, muito pouco. Todas as meninas que vinham jogar eram por amor à camisa, o máximo que conseguimos dar é a parte da logística, alimentação, viagem, organização de dentro e fora do campo e ajuda de custo com gasolina, passagens, essas coisas.

A falta de apoio para o futebol de mulheres acontecer é um fato apontado pelos dois entrevistados e isso faz com que grande parte das jogadoras não tenham vínculo forte com o clube. As atletas não recebem salário para atuar nos jogos durante as competições.

Entrevistado 2-Tem pouco apoio para o feminino essa é a realidade no momento de pedir patrocínio para o time feminino as pessoas não tem empatia como acontece no masculino.

Entrevistado 1-Nós acreditamos que o Rio Grande do Sul por ser um estado mais vigoroso pelo gaúcho ainda tem um certo preconceito por ter um futebol feminino né, então acho que vai chegar a um ponto que tem uma maior captação de recurso para o futebol feminino, mas vai precisar uns pares de anos né.

A logística é uma das dificuldades presentes nas disputas dos jogos pois, é necessário pagar o deslocamento e isso tem um custo elevado, ainda mais se não houver patrocinadores para bancar as viagens. Questões ligadas a preconceito contribuem para que o futebol de mulheres não tenha o mesmo respaldo que o masculino.

Entrevistado 2-A dificuldade é grande pela distância morar no interior é difícil em tudo é complicado por que fica longe dos grandes centros. É muito difícil trabalhar por que ficamos no interior não existe jogo perto tudo é custo para ir até lá.

Entrevistado 1-Então é difícil com viagens bastante longa devida a logística que teria que fazer a gente deixou de disputar com time principal.

Uma das questões levantadas está em relação a pouca visibilidade dada aos times femininos e pouco envolvimento do futebol praticado por mulheres e o fortalecimento de ligas e campeonatos como meio de fortalecer ainda mais essa categoria. Apesar das dificuldades o clube conseguiu ser campeão e isso é relatado com muito orgulho.

Entrevistado 1-Teria que ter mais envolvimento do próprio feminino dentro da sociedade do futebol feminino dentro da sociedade como campeonatos regionais para chegar no estadual, uma liga mais fortalecida por aí ficaria mais fácil para os clubes trabalha.

No entanto, ainda é precária a estruturação da modalidade no país pois são escassos os campeonatos, as contratações das atletas são efêmeras e, praticamente, inexistem políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo às mulheres que desejam fazer sua carreira dentro desse esporte o que me leva à afirmar, que, na “Pátria das Chuteiras”, as mulheres não têm vez. Estão nas zonas de sombra ainda que há muito

protagonizem histórias que construíram e estruturaram o futebol desse país (GOELLNER, 2006, p. 05).

Entrevistado 2-O mais importante de quando fomos campeões não foi a taça nem e sim o título de ser campeão gaúcho. A gente vai deixar história em Erechim, fomos campeões Gaúcho isso é muito gratificante.

Não há continuidade nos patrocínios para os jogos, visto que fica na dependência de repasse econômico de prefeitura e empresas patrocinadoras, no entanto em período de crise as empresas deixam de patrocinar esse fato dificulta a organização.

Ao analisar o futebol de mulheres brasileiros em termos sociais, deve se perceber a existência de uma política esportiva nacional estável, em que os projetos esportivos dependem de interesse do governo federal do governo federal e das prefeituras, que geralmente apresentam propostas sazonais e interessados do governo à reeleição de seus mandatos (KESSLER, 2015, p. 58).

Entrevistado 1-Ano passado teve ajuda da prefeitura e esse ano o poder público cortou tudo então a gente ficou com muito pouco valor para ser investido no feminino.

Nesse outro relato as jogadoras são chamadas de guerreiras, pois mesmo passando por inúmeras dificuldades e restrições não desistem da prática do esporte.

Entrevistado 2-São guerreiras sim, é por isso que eu gosto de trabalhar com o futebol feminino, essa é a minha paixão porque elas se incentivam, “vamos jogar, vamos fazer”.

Mesmo com tantas dificuldades o clube tem jogadoras que servem de inspiração para o clube, pois saíram do futebol amador e atualmente estão atuando em clubes profissionais.

Entrevistado 1-Saíram jogadoras do Atlântico FC que estão atuando profissionalmente no Grêmio e também no Kindermam de SC, recebendo salário. Quando convocadas para outras competições terão condições físicas e técnicas melhores.

Atualmente o Atlântico FC está trabalhando com a categoria sub 15 e sub 17 preparando as atletas para competições, sendo que atualmente estão em quarto lugar em âmbito regional.

Há também a possibilidade de formação de time de mulheres vinculado ao Ypiranga Futebol Clube, inclusive já estão acontecendo os treinamentos. O intuito é disputar o campeonato gaúcho de futebol feminino em 2018.

3.5 A PROFISSIONALIZAÇÃO É POSSÍVEL OU APENAS UM SONHO?

Diante das dificuldades apresentadas nesse trabalho são perceptíveis as dificuldades encontradas pelas atletas. Embora haja inúmeras questões que dificultam a ampliação do futebol de mulheres, são vários os casos de atletas que saíram do Atlântico Futebol Clube para jogar em outros clubes e estão participando de outros campeonatos.

Uma das atletas é vinculada com a CBDS - Confederação Brasileira de Desporto de Surdos participando de competições fora do país. A atleta faz parte da seleção brasileira de surdos, recebeu título de melhor jogadora de futsal na competição que aconteceu na Tailândia e por conta disso recebeu inúmeras homenagens e ficou conhecida.

Após receber esse título foi chamada por diversos meios de comunicação para falar sobre a experiência de representar o Brasil e receber o título de melhor jogadora.

De acordo com a atleta, ela recebe do governo federal bolsa atleta que ajuda custear os gastos com viagens e alimentação, entretanto esse valor não consegue custar todos os gastos sendo, portanto, necessário que a família contribua financeiramente ou que as próprias atletas organizem atividades para angariar recursos para as viagens. Em relação as competições, ela relata dificuldade em conseguir patrocínio para viagens. Segundo ela a empresa que seu pai trabalha é a que mais contribui financeiramente para que a atleta consiga dar continuidade nas disputas.

Os objetivos da atleta são continuar atuando profissionalmente com a seleção brasileira de surdas e participar de competições nacionais e mundiais representando o Brasil.

Outra atleta que esteve ligada com ao Atlântico Futebol Clube e atualmente está atuando profissionalmente no Kinderman de SC, relatou a experiência futebolística.

Segundo ela passou por curto período na CBF de Carlos Barbosa, por problemas familiares teve que deixar o time retornar a cidade onde mora.

Teve experiência em outros clubes e atualmente está vinculada ao Kinderman, time feminino de Santa Catarina. Foi contratada pelo Grêmio de Porto Alegre e ficou um período jogando no clube. De acordo com a atleta foi a primeira vez que recebeu salário para jogar futebol.

Seus planos são continuar no clube e tentar atuar na seleção brasileira e também tentar oportunidade de jogar fora do país.

Exemplos como esses citados são possíveis desde que haja mudanças culturais na relação de gênero na sociedade para que as mulheres possam atuar profissionalmente no futebol com condições igualitárias. Para que isso aconteça é preciso, pensar em soluções para que meninas/mulheres tenham incentivo e participação nas categorias de base para aprender técnicas do futebol, preparação física, bem como sejam respeitadas e reconhecidas como profissionais e portanto recebedoras das prerrogativas da profissão.

4 CONCLUSÃO

Na região Norte do Rio Grande do Sul apesar de ter atletas participando de competições em vários campeonatos poucos trabalhos acadêmicos trabalham com pesquisas sobre a participação das mulheres no futebol na região.

É incipientes pesquisas que busquem entender quais fatores dificultam ou contribuem para inserção das mulheres nesses ambientes, pois ainda há uma lacuna histórica frente a essa realidade que não é apenas privilégio dessa região, mas de outros lugares do Brasil.

Não pretendo nesse trabalho trazer soluções e nem fechar análise frente a realidade das atletas no futebol, busco, contudo, levantar questões sobre as perspectivas e inserção no meio futebolístico local, deixando em aberto para novas interpretações e pesquisas sobre a temática apresentada.

Contudo, a pesquisa é uma aproximação do debate sobre e mulheres e futebol, em grande medida moradoras da região próxima a Erechim. A pesquisa buscou elementos que possam explicar as dificuldades encontradas pelas atletas no clube Atlântico Futebol Clube e comissão técnica na participação de competições futebolísticas.

Diante das várias questões levantadas é possível perceber que a inserção das mulheres no futebol é presente no município de Erechim.

Erechim e o Atlântico Futebol Clube Feminino ficaram conhecidos pelo fato de no ano de 2013 conquistar o título de campeãs gaúchas, disputando com times de renome da capital.

No entanto, diversos foram os problemas levantados pelas jogadoras sobre as dificuldades em manter-se com foco no profissional e ter as mesmas oportunidades de jogar em clubes que possibilitem essa condição, visto que grande parte são trabalhadoras e jogam apenas como divertimento e não recebem para participar dos jogos.

Nas entrevistas ficou evidente como o preconceito com as mulheres no meio futebolístico é presente, seja pela questão de ser mulher, pela sexualidade, pela condição de pessoa surda, gênero e também por morar no interior e ter cultura diferente das pessoas do meio urbano.

A falta de patrocínio econômico impede a inserção das jogadoras, o vínculo com patrocinadores é frágil e não tem continuidade garantida.

A dificuldade com convênios com prefeituras podem ser rompidas na troca de governantes, isso dificulta a continuidade do projeto a longo prazo, ou seja, pensar numa estrutura mais adequada para as praticantes desse esporte e possível participação em competições de alto padrão.

A pouca visibilidade dos meios de comunicação da imprensa local é um fator que está presente nas falas dos/das participantes da pesquisa, pois a pouca divulgação acaba não contribuindo para participação de torcedores/as afetando significativamente no crescimento da categoria e possíveis apoiadores.

Morar na região do interior foi citado pelos/as pesquisadas/os como uma dificuldade a mais, sendo que fica mais difícil de serem observadas por clubes maiores e terem possíveis contratações para atuação profissional. Uma das questões é a dificuldade de deslocamento visto que, o custo para participar dos jogos é alto e não há um recurso próprio que propicie o pagamento desse transporte.

A falta de reconhecimento é um dos fatores que contribuem para falta de investimento econômico e cultural nessa área.

Mesmo com todas as adversidades atletas estão atuando profissionalmente em equipes com Grêmio FC e Kindermam SC clubes de referência no futebol.

Não basta apenas existir um incentivo econômico no meio futebolístico para mulheres é necessário que existam mudanças culturais na sociedade oportunizando condições igualitárias para homens e mulheres.

Mudanças que tornem visíveis a participação em competições, que façam que as gerações de agora e futuras consigam entender o esporte apenas como uma atividade física ou profissional não havendo barreiras que definam quais esportes são para meninos ou meninas.

Todavia, fortalecer mecanismos de incentivo e investimento no futebol de mulheres para que futuramente a modalidade cresça e que meninas/mulheres tenham reconhecimento que o futebol profissional seja uma realidade presente em cada atleta que busca atuar nessa modalidade.

REFERÊNCIAS

- ASSUMPCÃO, L. A contribuição de Nelson Rodrigues para a sociologia do futebol. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, out./dez. 2014.
- BADINTER, E. **O mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BOURDIEU, P. A Dominação Masculina. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002.
- BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão das identidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CARNEIRO, M. B. **Um toque de bola em pés femininos: um estudo sobre o futebol feminino de Florianópolis**. Santa Catarina, 2007
- CONFEDERAÇÃO SUL AMÉRICA DE FUTEBOL. Estatuto **CONMEBOL**. Congresso extraordinário. Industrias gráficas Nobel S.A. Lima, 2016.
- DAMO, A. S. **As dramatizações de gênero numa configuração futebolística**.
- FRAGA, W. **Uma triste história do futebol no Brasil: o Maranaço- nacionalidade, futebol e imprensa na Copa do Mundo de 1950**. Passo Fundo: Meritos, 2014.
- FREIRI, G. O Futebol Arte. **Revista USP**, São Paulo, n.62, p. 233-238, junho/agosto 2004
- GOELNNER, S. S. **Feminismos mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico**. Porto Alegre v,13, n 2, p.17-196, maio/agosto 2007.
- GOELNNER, S. S. **Mulheres e Futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Revista Brasileira de Educação Física Esporte. São Paulo, v19, n32, p, 13- 51, abr. jun. 2005.
- GOELNNER, S. S. **Na “pátria das chuteiras” as mulheres não tem vez**. Praticas corporais e esportivas, Urgs. Porto Alegre. [SI.: S.n.]
- JUNIOR, F. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- JUNIOR, O. M., et al. **A bola rola mais que as mulheres: A difícil busca de identidade no país do futebol (masculino)**
- KANESIRO. M. H. **Mídia e futebol feminino: indiferenças e distorções**. 2009. 7 f. Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura plena em Educação física). – Universidade Estadual Paulista, Graduação em educação física. Rio Claro, 2009.
- KESSLER, C. Estudos Socioculturais do Esporte. **Sociologias Plurais**, Curitiba, Editora UFPR, n. 1, out. 2012.

KESSLER, C. **Mais que Barbies e Ogras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. Tese (pós-graduação em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2015.

KNIJNIK, J. VASCONCELLOS, G. E. **Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no brasil**. São Paulo, Annablume/Ceppe, 2003. p. 1-18.

KUHN, G. **Futebol contra o Estado: confrontando futebol com políticas libertárias**. Porto Alegre: Liro, 2014.

LIMA, N. C.; SOUZA, M. B. **(In)visibilidade das mulheres nos campos de futebol: quebra de tabus e ampliação de sua presença no espaço público mediante a pratica do esporte profissional**. Revista Eptic. Piauí, v.18, n1, janeiro- abril 2016.

MAGALI, Engel. **Psiquiatria e feminilidade**. In. _____. **História da Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto 2013. Cap 10, p 322 – 361.

MASSIMINO, I. C. **Futebol Feminino na Mídia Impressa**. 2012. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (faculdade de Ciências Aplicada). - Universidade Estadual de Campinas, Bacharel em Ciências do Esporte. Limeira, 2012.

MEAD, M. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

MORAES, E. V.; DIAS, M. S. **Diferentes corpos se apresentam: fragmentos da história do futebol feminino no Brasil**. Caderno espaço feminino, v 22, n 2. Ago/dez de 2009.

MOREIRA, M. F. S.; CUNHA, A. M. G. **Garotas no futebol: trajetórias de gênero e sexualidade**. Florianópolis, 2008.

MURAD, M. **A violência no Futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012.

OLIVEIRA, Vitor Marinho. **O que é educação física**. São Paulo: Nova Cultural Brasiliense, 1986.

PEREIRA, C. **Heterossexualidade Compulsória: uma análise de modos de subalternização na revista Jornal das Moças**. **Revista história, histórias**. Brasília, vol. 1, n. 5, 2015

RATTON, J.; MORAIS, J. **Futebol e sociedade no mundo contemporâneo: visões das ciências sociais**. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 42, n. 1, jan/jun, 2011, p. 8-10

SALVANI, L.; JUNIOR, W. M. **“Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro**. **Revista Brasileira de Educação Física Esporte**. São Paulo, abr-jun; 30-303, 2016.

SALVANI, L.; JUNIOR, W. M. **Registro do futebol feminino na revista placar: 30 anos de história**. v 28, n 49, p 99- 113, dezembro de 2016.

SANTOS, S.; MEDEIROS, A. A. **Futebol feminino no discurso televisivo**. **Revista Brasileira Ciência**. v 14, n1, 185/196. jan/mar. 2012.

SOUZA, J.S.S; KNIJNIK, J.D. **A mulher invisível; gênero e esportes em um dos maiores jornais diários do Brasil.** Revista brasileira Educação Física. Esp., São Paulo, v21, n1, p.35-48, jan./mar. 2007.

SCOTT, J. **Gênero:** uma categoria útil para análise histórica. New York, Columbia University Press. 1989.

SOARES, C. L. **Educação física raízes europeias.** 5 ed. Campinas: Autores associados, 2012.

TEIXEIRA, F. S.; CAMINHA, I. de O. **Preconceito no futebol feminino** brasileiro: uma revisão sistemática. Porto Alegre, v 19, n 1, p. 265- 287, jan/mar de 2013.

WITTER, J. S. **O que é futebol.** Coleção primeiros passos. Editora Brasiliense, 1990.

Anexos 1

Questionário para atletas

- 1) Comente como e quando começou a praticar futebol?
- 2) Você sonhava em se tornar jogadora profissional? Por que?
- 3) Quando começou a jogar no Atlântico feminino? Relate sua experiência no clube.
- 4) Quais times/ clubes já atuou como jogadora? Você acha que o clube que está atuando tem estrutura profissional?
- 5) O que você compreende por ser uma jogadora profissional?
- 6) Recebeu salário atuando nessas equipes?
- 7) Cite alguma personalidade do futebol que sirva de inspiração para você.
- 8) Quem foram os/as principais incentivadores no futebol?
- 9) Já sofreu preconceito por ser jogadora de futebol? Por ser mulher, pela sexualidade, classe social, etnia ou outros?
- 10) Quais são os seus planos futuros no futebol?

Anexo 2

Questionário para membro(s) da comissão técnica.

1. Há quanto tempo trabalha no Atlântico? Qual é a sua função no Clube?
2. Como surgiu seu interesse ou oportunidade em trabalhar com futebol de mulheres?
3. Comente sobre o trabalho com as atletas do Atlântico feminino (ano de fundação, participação em competições, em quais dessas ficaram campeãs)
4. Como é possível classificar a estrutura que o Atlântico oferece às jogadoras?
5. As jogadoras recebem salário ou ajuda de custo para atuar no time?
6. Quais são as principais dificuldades encontradas pelo clube em relação ao futebol de mulheres?
7. Existe convênios, patrocinadores ou investidores para equipe?
8. Existem jogadoras que saíram do Atlântico e foram contratadas por outros clubes?
9. Quais são os objetivos do clube para o trabalhar com as jogadoras?

Anexo 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante,

Por meio desta, eu, _____, portador(a) do RG _____, autorizo _____ a utilizar a entrevista por mim concedida no dia _____, em seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Mulheres no futebol em Erechim: um estudo sobre sua (in) visibilidade e os limites à profissionalização*.

O presente trabalho tem por objetivo analisar o futebol de mulheres e compreender através da experiência das atletas e comissão técnica quais são os mecanismos que contribuem para o desenvolvimento da modalidade e possibilidade das jogadoras se tornarem profissionais. Com base nos relatos entender quais são as principais dificuldades enfrentadas pelas jogadoras na permanência desse esporte e conhecer a realidade de ser mulher e atuar no meio futebolístico.

A entrevista será gravada para posterior descrição de informação, apenas mediante sua autorização. Os dados serão mantidos em sigilo bem como as informações pessoais do(a) entrevistado(a).

Declaro que fui informado(a) dos objetivos da pesquisa, sendo minha participação de cunho totalmente voluntário.

Desde já agradeço sua participação!